

Transversalidade de gênero na ficção nipo-brasileira: formas textualizadas do tempo vivido.

Hilda PivaroStadniky (PPH/UEM)

O papel das tradições, a configuração de novas identidades nos processos de diáspora estão no centro de nossas preocupações quando nos propomos a uma reflexão sobre as manifestações da escrita entre os imigrantes japoneses no Brasil. Partir para um mundo novo onde tudo é desconhecido, onde não existem experiências de identificação, produz uma sensação de estranhamento. Como imigrante, sofre profundas rupturas com suas raízes e vínculos socioculturais e entra em confronto com diferentes sistemas de valores. Num lugar estranho, o imigrante precisa “ocupar espaços desabitados, adotar práticas nômades, ser *frontier*”. (...) Ao gerar novas formas de trânsito e de intercâmbio cultural, as culturas em errância favorecem a formação de novas identidades interativas e híbridas” (Fantini, 2004, 175). O imigrante defronta-se com uma situação, completamente, nova que lhe cobra respostas novas, “agarra-se altivamente ao que lhe falta, à ausência, a qualquer símbolo. (...) Fixado a esse outro lugar, tão seguro quanto inabordável, nenhum obstáculo o detém, todas as rejeições lhe são indiferentes na busca desse território invisível e prometido, desse país que não existe, mas que ele traz no seu sonho” (Kristeva, 1994, 13).

É fundamentalmente dos novos lugares que o grupo expressa sua forma de vivenciar e existir, sua visão de mundo. Os lugares são vivenciados cotidianamente, acomodam práticas culturais e rotinas em uma interação diária e contínua entre indivíduos e seus lugares. Esta interação estabelece um relacionamento que leva a uma construção mútua e simultânea do indivíduo e do lugar. Neste processo de construção de lugares o migrante acaba por recompor seu espaço social, diferente em muitos aspectos daquele que ele possuía, mas que é capaz enraizá-lo. “Sua migração é como um acontecimento em um sonho sonhado por outro. A intencionalidade do migrante é permeada por necessidades históricas de que nem ele, nem ninguém que encontra, tem consciência. Assim, é como se sua vida fosse sonhada por outro” (Bhabha, 2001, p.232). O Japão original não se encontra mais lá e sua história é irreversível. A terra natal tornou-se uma comunidade imaginada, adquiriu um valor figurativo e os imigrantes não podem mais voltar para casa. Como assinala Bhabha, para o imigrante o “retorno definitivo é mítico, é a matéria do anseio e de orações... nunca acontece como é imaginado. Não há retorno definitivo. (...) O sonho sonhado por outro, o retorno mítico, também é o desejo de sobreviver” (idem). Sentir a diferença entre o que está perto e o que está distante, através do valor imaginativo, acaba por intensificar na mente a percepção de si mesmo. Portanto, na concepção de Hall, (2003, p.28) a longa viagem de volta para casa é um retorno por caminhos diferentes, uma viagem

simbólica. O paraíso perdido é uma miragem do passado que jamais poderá ser reencontrada, acrescenta Kristeva (p.17).

A identidade diaspórica é híbrida e multiforme porque diante da impossibilidade de “voltar para casa de novo”, vive-se, então, a experiência de estar em “entre-lugares”, segundo Bhabha. Esta situação o obriga a construir uma nova identidade, frequentemente definida por contraste (Burke, 2003, p.81). Deve aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar, simbolicamente, com as novas culturas a que se agregaram, como enfatiza Hall. Neste sentido, a diáspora pode ser definida pelas conjunturas históricas pessoais e estruturais que se caracterizam pela dupla identidade. Segundo o autor, “o conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença, a qual está fundada sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “*outro*” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora”. Hall indaga: “Como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento, após a diáspora? [...] Como devemos pensar as identidades inscritas nas relações de poder, construídas pela diferença e disjuntura?” (p.28). A maioria de autores imigrantes ou exilados produz uma literatura que é a expressão da *movência*, marca por excelência de suas histórias de vida. *Movência* geográfica, cultural, identitária, evidentemente, mas também *movência* entre línguas e gêneros narrativos. Deslizando entre a autobiografia, a ficção, a memória e a história esses escritores criam novas possibilidades de construções narrativas híbridas nas quais põem em cena um eu fragmentado que vive em constante *errância* entre duas línguas e dois países. Esta *movência* narrativa põe em evidência a dificuldade de classificação de um texto simplesmente como autobiografia, embora seja escrita do eu, trata-se de um eu reinventado, recriado, ficcionalizado, enfim, um eu fabulizado. Caso se fizesse necessário classificar as narrativas autobiográficas, o mais adequado seria submetê-las ao rótulo de “autoficção biográfica”, que Vincent Colonna define como um “relato no qual ele [o escritor] fabula sua existência a partir de dados reais, permanece o mais perto possível do verossímil e confere a seu texto uma verdade pelo menos subjetiva – quando não mais que isso” (Collona, 2004, p.93). O empenho aqui é estudar a construção narrativa híbrida do texto que, deslizando por diferentes gêneros narrativos (autobiografia, ficção, memória, história), transforma-se em um espaço privilegiado de encenação desse eu fragmentado e em constante *errância* entre o Ocidente e o Oriente, entre línguas e culturas diversas.

Um dos focos de nossa análise é o universo textual da vida íntima de mulheres que, na reflexão sobre suas vidas, passaram a romper o silêncio que as acobertavam no interior de seus lares, por meio da escrita. Ao fazê-lo recuperam atores sociais que ao saírem de cena, levam consigo para a vida privada, fragmentos de história que permanecem ocultos no âmbito de suas existências individuais, versões sobre fatos e acontecimentos, representações de si e do seu lugar no mundo. Oferecem-nos a

oportunidade de contato com leituras diversas do mundo, códigos de linguagem, que não poderiam ser apreendidos a não ser por meio da manifestação dos próprios atores. Tais sinais, de uma inteireza complexa, dependem de um leitor disposto a interpretá-los. E essa interpretação pode revelar muitas surpresas, ao referir os diferentes signos que regem os diversos grupos sociais no interior da sociedade, pois, por meio de recursos simbólicos homens e mulheres nos remetem aos tempos e acontecimentos dos múltiplos mundos que resultam da complexa heterogeneidade que atravessa o social. Essa narrativa nos oferece um tempo múltiplo, que se superposiciona com novos marcos plenos de significados, capazes de constituir outra história para aqueles que os compartilham. Neste outro lugar, as diferenças sociais assumem uma força de expressão e geram a instauração de signos sensíveis para os que integram o grupo social ou a categoria de gênero. Há outras cronologias, edificadas em decorrência da significação de eventos e compartilhadas pelos grupos de vivência. Ao cruzar informações e acontecimentos, compreendemos que a narrativa realça, não apenas o autor, mas um ponto de vista forjado a partir de experiências particulares e as formas segundo as quais as condições históricas são apropriadas, reelaboradas e vivenciadas pelas pessoas nas mais diversas inserções sociais. Tal entrecruzamento nos permite reconstituir o tecido social em toda sua complexidade. De um lado, incorporando a multiplicidade de significados e, de outro, revelando as determinações estruturais e simbólicas que imprimem sentido às práticas sociais. As referências do passado, indispensáveis para a constituição das práticas sociais do presente, justificam a exiguidade de registros sobre eventos de determinados grupos ou etnias aos quais, de certo modo, restam ter presença silenciada por práticas oficiais, que anulam sua experiência ou que comprometem as percepções de sua trajetória histórica. Está em jogo, portanto, um elemento constituinte do sentimento de identidade, valor sempre presente nas arenas de disputas sociais e intergrupais. Em um processo de publicização do privado, esta nova escrita feminina alargou os espaços do refúgio do *eu*, ousou expressar os devaneios da vontade e a falar de uma imaginação, de uma vontade que sonha e que ao sonhar imprime um futuro à sua ação. Essa escrita passou a desentranhar o universo feminino, instituiu uma literatura identitária mantada no *eu*. A narrativa de mulheres acrescenta a esses fatos do cotidiano e aos sentimentos dos personagens, a dimensão de gênero que dialoga com a experiência da imigração. No caso do Brasil, são poucas e recentes as publicações, na língua portuguesa, de escritoras nisseis; mencionamos os seguintes livros, todos escritos a partir dos anos 80: *Ipê E Sakura: Em Busca Da Identidade* (Hiroko Nakamura), *Sob Dois Horizontes* (Mitsuko Kawai), *Canção Da Amazônia* (Fusako Tsunoda), *Sonhos Bloqueados* (Laura Honda-Hasegawa), *Horas E Dias Do Meu Viver* (Chikako Hironaka) e *Antologia da Poesia Nikkei*.

Todos os trabalhos são marcados por traços mais ou menos comuns. Enquanto alguns revelam aspectos da vida das famílias antes da imigração, a maioria tem como foco a vinda para o Brasil, ressaltam

as dificuldades de adaptação, os sonhos e desencantos, os encontros e os desencontros vivenciados em um país adotivo e desconhecido. Mais do que trânsito de um lugar a outro, há a transição de um tempo a outro, o viver em espaços geográficos diferentes, o habitar em dois lugares ao mesmo tempo. Não só retratam a busca de equilíbrio para uma identidade híbrida, como também o conflito de valores e aspirações entre nisseis e seus descendentes. Um referente único está presente: um Japão mitificado pela distância e pelas recordações e personagem central de sonhos latentes - a árvore do dinheiro e o retorno. Escolhemos *Sonhos bloqueados* (1991), e o presente estudo dará destaque aos elementos que nortearão toda a obra da autora, na perspectiva da história cultural, tendo como corpus a narrativa de Laura Honda-Hasegawa. O romance é escrito em primeira pessoa, na forma de uma biografia histórica, e é organizado aproximadamente ao redor do ciclo de vida familiar. Páginas são reservadas para Kimiko – personagem principal – que semeia quimeras de sonhos e devaneios da imaginação voltada para um tempo outro, que escapa das malhas do cotidiano. Rica em conflitos íntimos, expectativas violentadas e esperanças desfeita, esta é uma obra envolvente sobre a mulher nisei e a aventura de viver. Sua memória comparece, fornecendo elementos para compor novas práticas, referenciadas a formas de vida infelizes e dolorosas vivenciadas no passado. Insinua-se uma escrita marcada por um tom intimista, confessional, uma estreita relação entre a literatura e a intimidade da vida.

Haviam chegado todos no mesmo navio, deixando para trás as brancas paisagens de Aomori, na esperança de que aqui encontrariam o Eldorado (p.62). (...) Ele imaginando-se no tombadilho do navio que o estava levando de volta ao Japão, ao som das saudosas canções de sua província, acompanhando o ritmo com palmas e ensaiando timidamente alguns passos de bon-odori (p.139). Mamãe não se cansava de dizer da beleza das cataratas de Kegon, na sua terra natal (p.134). (...) Eram histórias narradas por vovô, que diziam da pobreza e sofrimento dos lavradores de um vilarejo ao nordeste do Japão: Se no chão do banheiro caíssem cinco grãos de arroz, três tinham de ser cuidadosamente recolhidos, a fim de serem aproveitados... Afinal o arroz não caía do céu nem havia suficiente para todos. Criança, com cinco irmãos, nunca poderia conhecer o gosto que tem saborear um daqueles doces de feijão inteiro; tinha que se contentar com um quarto ou um terço dele, de acordo com a partilha feita pela mãe. Cada criança ganhava a primeira laranja da estação com o sábio conselho de primeiro apreciar a textura, o aroma, a cor e, só depois, descasca-la e provar-lhe os gomos deliciosos – um modo paciente e amoroso de prolongar por mais tempo o sabor da fruta... (p.180). (Hasagawa, 1991).

Contribuições teóricas derivadas de estudos feministas nos ratificam o cuidado de nuançar os olhares de atores e personagens que se inserem em determinado contexto ou experiência de vida, em cujo âmago reside uma vivência plástica da intimidade que é sentida, vista e narrada diferentemente sob ótica masculina e feminina. A corrente teórica feminista anglo-americana parte do princípio de que a linguagem, embora não seja transparente, é determinada pelas vivências dos sujeitos que as usam. Assim, a escrita de mulheres, independentemente de suas opções estéticas, será sempre marcada pela experiência de ser mulher em uma sociedade marginalizadora do feminino, da emoção. Experiência, sobretudo, no interior de uma *ordem simbólica*, onde a própria linguagem é um instrumento de *opressão*.

Do mesmo modo, como sublinhado por Roland Barthes a língua encarrega-se de marcar a *diferença* sexual e social, mantendo separados os gêneros feminino e masculino. Vamos recorrer às narrativas de escritoras nipo-brasileiras como objetivação de tal processo e, sobretudo, como cristalizações da memória da imigração japonesa no Brasil. Embora obras de ficção, há um forte componente de realidade nesses romances, que contam histórias de exclusão, isolamento, discriminação, adaptação e vitória. São testemunhos dos conflitos, dramas pessoais, sonhos bloqueados, dificuldades e sacrifícios enfrentados em uma luta diária instigada muito mais pela necessidade de sobrevivência e adaptação a uma cultura estranha, do que a busca de identidade. A narrativa de mulheres acrescenta aos fatos do cotidiano e aos sentimentos dos personagens a dimensão de gênero que dialoga com a experiência multifacetada da imigração e das condições de vida inerentes ao processo de diáspora.

No livro, Kimiko constrói o relato de uma vida, transforma a vida em texto, através de revisões na história que usa para falar da própria vida e de si mesma. Faz deste exercício um momento oportuno para conhecer-se e incorpora possíveis interpretações e reinterpretações sobre o vivido. Neste sentido, as vidas são textos sujeitos às constantes reinterpretações. Ao textualizar sua vida, Kimiko assume a condição de escritora que constata sua condição inexorável de ser histórico, cuja narrativa resulta de um processo de saber. Trata-se de um exercício de reflexão, de autoconhecimento. Opera-se, portanto, uma reconstrução do passado e, do mesmo modo, uma transformação interna do indivíduo, pois, o *eu* do passado não é o mesmo *eu* que se apresenta no momento da escrita. Kimiko, uma nissei que deixa o interior de São Paulo e se estabelece na capital, passa a residir em um pensionato no bairro da Liberdade. Fora mandada para a cidade onde poderia acompanhar a irmã caçula, matriculada na Universidade. *“Na verdade, mandei a Kimiko mais para acompanhar a caçula que estuda na faculdade – interrompeu papai naquele seu jeito autoritário e determinado.(...) A Teresa é estudiosa, inteligente e vai ser farmacêutica; agora, a Kimiko é muito caseira, gosta de cozinhar, costurar... – e continuou enumerando todas as tarefas domésticas que eu sabia executar (p.25).* Ali se destacou na condição de cabeleireira, atividade que lhe permitia ganhar suficiente. *“Eu queria dizer a todos que tinha uma profissão da qual me orgulhava muito, que eu podia me sustentar com o meu salário” (p. 25).* Porém, em consequência de um bilhete recebido de seu irmão, retornou à casa paterna. *“Kimiko: Venha para casa no feriado. Ordem de papai. A Terê pode ficar se tiver provas na faculdade. Kunio. (...) O bilhete de meu irmão mais velho era breve e impessoal, mas não precisava pensar duas vezes, porque, se havia duas pessoas no mundo a quem eu devia obediência e de quem tinha até certo medo, essas pessoas eram papai e Kunio (p.23).* O regresso ao lar fora previsto pelo pai e pelo irmão. O evento fora preparado para o cumprimento da formalidade do *miai*, através da intermediação do *nakôdo*. *“Na sala estavam papai e um casal que logo reconheci serem os Matsumoto, muito conhecidos na região como casamenteiros. Feitas*

as devidas apresentações, fiquei sentada entre os Matsumoto, muito contrariada porque nada tinham me avisado. (...) Meu irmão e Yukio, o homem que tinham acabado de me apresentar, pareciam grandes amigos. O cansaço da viagem e o poder que papai exercia sobre nossas vidas fizeram com que eu me resignasse a ficar calada (p.25).(...) Começaram a falar de negócios, das dificuldades porque passam os agricultores e foi aí que me distanciei mais ainda (p.24-5).Despedi-me(de Yukio) com um formal aperto de mão e não fui acompanhá-lo até o carro (p.27).(...) Papai foi quem pareceu ficar mais feliz, quando respondi afirmativamente à proposta de casamento trazida pelo casal Matsumoto. (...) Talvez o termo exato fosse ´aliviado´ em vez de ´feliz´... Pois eu já estava me tornando um fardo, permanecendo solteira até aquela idade. Logo os japoneses da cidade estariam dizendo à boca pequena – e longe da presença de papai, é claro – que eu seria mais uma old miss!“(p.110-11).Aos 24anos casou-se e teve três filhos: Carlinhos, Érica e Alexandre. Yukio - o marido - trabalhava na mercearia de sua propriedade. Kimiko, a jovem do interior agora imersa na rotina do trabalho caseiro, havia insistido para trabalhar fora, porém, o marido sentenciara: "Você tem trabalho suficiente dentro de casa. Meu marido e eu morávamos nos fundos da mercearia. É verdade que, antes do casamento, os aposentos tinham sido reformados, mas se resumiam a dois pequenos cômodos, uma cozinha e um banheiro. Portanto, o serviço era mínimo e meu marido praticamente me proibira de ajudar na venda (p.17). (...) A mim, só restava continuar a seu lado, cuidando de sua roupa, de suas refeições, evitando causar-lhe mais aborrecimentos”(p.19).

Apesar de história prosaica, ela reflete conflitos íntimos, esperanças desfeitas, sonhos violentados e se reveste decerta aura de fascínio por tecer entremeios com resquícios de tradições, hábitos e crenças da terra do sol nascente. Parece unificar a linha dotempo, onde passado e presente se apresentam unívocos. *“Também eu procuro viver o presente com vistas ao futuro, mas não vejo nada pela frente, apenas o passado que insiste em ficar na minha lembrança (p.142). Sou mesmo incorrigível: com um pé no ano novo, ainda vivo de escavar recordações... Doces lembranças do passado” (p.184).* A ancestralidade povoa o imaginário de personagens de uma narrativa que, embora tangenciada pela realidade nua e crua, revela bastidores de uma vida cujo roteiro foi riscado por sonhos. *“Continua chovendo e a vida também tem que continuar! E o que vale mais: anos e anos de uma existência medíocre, sem objetivos, viver por viver? Ou uma vida relativamente breve, mas rica em experiências e alegrias compartilhadas?”(p.129).* Ainda que ficcional, não enredao tempo futuro, apenas evoca a realização dos sonhos. A personagem expressa necessidade de situar-se no espaço, no tempo e no grupo. *“Como nos velhos tempos... Tempos felizes aqueles em que éramos cinco em torno da mesa de toalha quadriculada. Carlinhos na extremidade, ladeado por Alex e Yukio, Érica ao lado do pai e eu...” (p.155).* Há, portanto, uma necessidade de autolocalização no interior do espaço social, no mundo

simbólico da cultura. *“Querida chegar sozinha, devagarzinho, sem compromisso com o relógio, olhar tudo com calma, tentar reconhecer as casas, respirar o ar, saborear as cores, sentir o aroma convidativo do misso-shiro e da sardinha frita vindo das hospedarias... Enfim, viver um pouco a saudade que ficou”* (p. 55). Ela busca identificar-se com a família, com a comunidade e com a cultura mais ampla. *“Que saudades dos tempos em que o domingo era o dia mais aguardado da semana, quando eu me esmerava na macarronada, na maionese e no pudim de leite e passava a tarde vendo as crianças brincarem no quintal”* (p. 165).

Nos romances antes mencionados, a voz do feminino quase não ecoa, a mulher não detém o exclusivo da fala. A vida atarefada parece preencher as lacunas da fala feminina ou até mesmo a ausência da fala. Seu cotidiano divide-se entre os afazeres domésticos e a criação dos filhos, responsabilidade inteiramente dela. Contudo, em *Sonhos bloqueados*, a personagem principal se impõe com a eloquência da narradora e, do mesmo modo, acentua e dá plasticidade aos lugares de outras mulheres, cujas vozes emergem na condição de coadjuvantes importantes. Ela configura a referência para a família e cabe a ela o papel de mediar tensões e conflitos. Assim, ela reina no universo doméstico e encarna o sonho de realização na educação dos filhos e na família guiada por padrões culturais e conduta moral assentada no trabalho honesto e na honra da família. O caráter de sublimação da mulher não consegue aprisionar-se no interior de sua narrativa: *“O amor consiste em recompensar com sete moedas um mérito que vale cinco, e atenuar para cinco um pecado de sete. A justiça é uma virtude, mas o amor é uma virtude ainda maior. Se um dos dois julgar o outro com a régua da justiça, esse lar acabará se arruinando. Da sabedoria da mulher depende a felicidade da casa!”* (p. 115) (...) *Kimiko, você não pode querer começar uma nova vida, com esse pensamento tão infeliz de estar ficando velha. Precisa ter objetivos bem definidos: construir um lar feliz, respeitar o marido, confiar nele, ajuda-lo, saber perdô-lo* (p. 113). (...) *Respirei fundo e entrei no ônibus que me levaria de volta à casa de papai... De lá eu sairia definitivamente para me integrar à minha nova família, para viver ao lado de meu marido – o homem que me haviam destinado e de quem eu receberia o nome, que haveria de honrar e perpetuar”* (p. 116). Um caráter confuciano e patriarcal se faz presente na rígida disciplina, respeito e reverência, no sentido da obrigação e da obediência ao marido, reservando à mulher o papel subalterno. Desse modo, a resignação diante dos fatos e das dificuldades da vida é uma virtude. *“Eu não me deixei abater; fiquei no escuro, olhando o teto e pensando com ternura na filhinha que chegaria dali a dois meses. Ela, sim, seria a minha alegria, a recompensa de tudo por que estava passando”* (p. 19). Conhecer o lugar devido é mesmo conhecer as regras, as normas e os códigos que orientam o grupo. *“Minha sogra não era de muita conversa, nem permitia que se ligasse o rádio, de modo que a quietude da cozinha era quebrada apenas pelos toques ritmados da faca sobre a madeira* (p. 15). *Kimiko-san! Que é isso, dormindo em*

pleno dia?! Venha logo para a cozinha! (...)Eu tive dois filhos e nunca passei mal, sempre trabalhei até o último momento, gabou-se minha sogra, olhando fixamente para mim – e naquela época, nem hospital havia, só se contava com a parteira” (p.14). Entre os nipo-brasileiros, que em tempos mais precoces se estabeleceram em vasta área de colonização dos estados de São Paulo e Paraná, a mulher não emerge como personagem principal. Como indivíduo, ela cede lugar à família, o cenário de todas as atenções. “Eu quero estar com meus filhos sempre por perto, todos debaixo das minhas asas... Seria tão bom que todos continuassem por aqui, mesmo depois de formados e de constituírem família” (p.29). Neste sentido, há nexos no fato da literatura respectiva não reservar um espaço de plasticidades para as personagens femininas.

A narrativa desenvolve-se e revela Kimiko tomada de felicidade ao ser contemplada com a maternidade, que se transforma em triste e amargurada após sersurpreendida pela morte de seu primogênito, em plena adolescência. Justamente uma das razões que havia provocado seu manifesto de sonho maior: a tarefa de educar e formar os filhos e mantê-los reunidos no seio da família. “Eu só tinha realmente de mim e das minhas crianças! Elas sim estavam comigo, junto de mim, dependiam da minha presença, dos meus cuidados, da minha proteção, enfim, eram minhas aliadas. Minha razão de viver” (p.43). Esta atitude reforça a organização tradicional dos papéis de gênero, segundo a qual as tarefas domésticas são de menor importância se comparadas às do marido a quem cabe o papel de prover a família e de “vencer na vida”. O significado de “vencer na vida” é concretizado para os homens na trajetória do mundo do trabalho, através de uma vida fora de casa. Para as mulheres, a referência é sempre o universo doméstico, com a figura da mãe como cerne do bem suceder familiar.

Horas depois, refeita, pensei em mamãe e fiquei envergonhada. Como pude ser tão egoísta, mesquinha e insensível? Mamãe tinha partido e deixado para mim a difícil tarefa de cuidar da casa, de olhar pelos meus irmãos menores. (...) Tantos anos passados, ainda hoje fico na dúvida: será que eles me viam como um móvel da casa, que bastava ficar lá dentro, cumprindo a minha função, sem necessidade de tomar ar, de ver outras pessoas, de aprender, de viver a vida? (p.73). Mamãe nos ensinava que devemos respeitar e preservar com amor as características que Deus nos deu. (...) A beleza exterior advém com a alegria espiritual, com a pureza das intenções, nos pensamentos, nas atitudes. Minha convivência com mamãe foi de apenas doze anos, no entanto, continuo aprendendo muito com ela, através de seu exemplo de vida (p.158). Embora Yukio não fosse católico, procurei ensinar a meus filhos o verdadeiro significado da data, mostrando que o mais importante não são os presentes materiais... Tenho saudades do presépio que armávamos todos os anos, na entrada da cozinha, que também era a nossa salinha de visitas (p.174) Como mãe, tentei passar para as minhas crianças o sentimento de amor e gratidão que devemos manifestar quando nos sentamos à mesa (p.181).

A família assume papel fundamental em uma espécie de arranjo discursivo, pois fornece não apenas um modelo, mas também um conjunto de normas. O que se constata é em um verdadeiro processo de aprendizagem de reinvenção das vidas para se atender as necessidades de relacionar-se com a família. Este processo de invenção da vida que se textualiza e que se sujeita às interpretações e reinterpretções põe em evidência o papel primordial da família na estruturação das temáticas da narrativa.

Sete anos de casada, minha vida com Yukio entrou na mais fiel rotina. Três filhos: o Carlinhos, com cinco anos; a Érica, minha sonhada menina, com três e o Alexandre, de dez meses. Nossa casa tinha sido aumentada

com a construção de mais dois cômodos, o que acabara sacrificando o meu querido jardim, cujo espaço cedera lugar ao quarto das crianças (p.28). (...) Sabe, de repente me lembrei de minha mãe e de uma coisa muito bonita que disse um dia, quando alguém perguntou se ela não se cansava de fazer a mesma coisa todo santo dia... Ela enxugou as mãos no avental, chegou perto da janela e, enquanto ajeitava os vasinhos de gerânios para o lado da claridade, murmurou como se estivesse falando com cada uma das florzinhas: toda rotina tem seu encanto... (p.177).

Considerando o caráter patriarcal da família japonesa, ressalta-se o papel de provedor como inerente ao homem, a quem cabe a responsabilidade por si e pelo grupo, sendo a mulher relegada a um papel secundário, como mera colaboradora do marido.

Kazuo-san trabalha tanto! Levanta de madrugada, vai para o mercado, depois para a feira, volta à tarde, come alguma coisa e vai para os fundos – teve que construir mais dois cômodos. Já levantou as paredes, está agora no telhado (p.176).(...) Mamãe costumava contar que um dos meus tios – o irmão mais velho dela – ficou morando na mesma casa dos pais, logo após o casamento. Eram doze pessoas debaixo do mesmo teto! Iremos morar na casa de minha sogra mesmo; ela é viúva e quer a gente junto.(...) E depois, Kasuo-san é o mais velho, tem mais dois irmãos e quatro irmãs, todos solteiros (p.69) Somos cinco ao todo: o Kunio, que trabalha na roça com papai; a Eiko, casada há um ano e morando em Lins; a terceira sou eu; depois vêm o Akira e a Teresa que só estudam (...).É os caçulas sempre levam a melhor, pois podem estudar mais, não precisam ajudar a família (p.70).

A subordinação da mulher ao homem é função de um discurso que se orienta pela salvaguarda dos princípios da hegemonia cultural masculina, sendo o corpo feminino uma construção que se vai adaptando aos imperativos de uma ordem falocêntrica dominante, resultando na imagem da mulher terra. A idealização é a de uma mulher descanso para o guerreiro, a imagem da mulher água, fonte de frescor, água parada, passiva, amorosa, paciente e misteriosa, sempre disposta ao mais alto grau de renúncia, sufocando seu próprio desejo, enquanto aguarda a explosão do sol. O romance, particularmente *Sonhos bloqueados*, que pode ser comparado ao gênero biográfico, desvenda as atividades fundamentais desempenhadas pelas mulheres: a socialização e o cuidado dos filhos, a preservação da língua e dos valores do grupo, a responsabilidade e as adaptações da alimentação e do vestuário, bem como a comunicação, por meio das cartas, com a comunidade e a sociedade de origem.

A panela de misso-shiru sobre o fogo espalhava um aroma tão familiar que cheguei a me emocionar. Mamãe preparava essa sopa de um modo todo seu. Lembro-me de um tio, recém-chegado do Japão, que dizia ser o misso-shiru mais saboroso que havia provado em toda sua vida e não o dispensava em suas visitas a nossa casa (p.15-6).Depois do brinde acompanhado de um sonoro "Viva! "Banzai!", todos nós partimos, sem perda de tempo, para os comens e bebês. Coxinhas, croquetes e bolinhos de bacalhau quentes e dourados disputavam cada pedaço de mesa, lado a lado com bolinhos de arroz enrolados em alga marinha e aperitivos de peixe cru. Constituiu um espetáculo à parte a reação dos poucos brasileiros diante das iguarias típicas. Naquela época, diga-se de passagem, a comida japonesa não tinha tanto cartaz entre os brasileiros, não. Poucos se atreviam a prová-la e, se experimentavam, dificilmente repetiam a dose (p.77-8). Olhei para as tentadoras fatias de atum, guarnecidas com nabo ralado em montinhos encimados por uma pitada de pasta de mostarda. É melhor não arriscar, pensei, quando souber que é peixe cru. (p.78). Retornei das férias carregada de vidros de compota que eu havia preparado para o pessoal. Cada uma tinha uma especialidade: a Shizue era quem fornecia os tsukudani, umas conservas deliciosas que a avozinha sabia temperar com arte e amor, e também havia os vidros de shokara da mãe da Neuza, estes, que nem todas apreciavam (p.95). Domingo, logo pela manhã, costumávamos ir a um programa de auditório de música popular japonesa (p.104). Harumi me convidou para almoçar em sua casa, quando relembramos nossa infância, os tempos de grupo escolar e de nihon-gakko, falamos sobre nossas vidas, mostramos uma à outra as fotos de nossos filhos (p.120). Quando éramos pequenos, mamãe comemorava os aniversários à moda dela. Como não sabia fazer bolo, além de achar que era um desperdício se gastar tantos ovos e tanto tempo para assar no forno, ela fazia doce de feijão ou gelatina de alga (p.131).Embora tenha nascido no Brasil, minha educação foi japonesa e me entendo

melhor com os de minha raça (p.134). Ela se mostrou bastante surpresa ao saber que nós, japoneses do Brasil, mantemos em pleno verão tropical, esse costume de nossos antepassados, próprio de clima frio (p.185).

Como já mencionamos, o elemento dominante é uma forte orientação confuciana e patriarcal, com seu corolário natural de subalternidade da mulher. Não se manifesta neste espaço nenhum embate pela concepção de destino, pois, ele se converte em dádiva masculina. A narrativa de Kimiko nos fornece a visão da mulher sobre sua vida e a de sua família no processo nada fácil de adaptação à realidade da imigração e ao mundo reservado aos nipo-brasileiros. Sua geografia é o universo doméstico, embora este se apresente contextualizado em fatos históricos e características culturais de dois macrohorizontes nos quais os personagens transitam: Brasil e Japão. Este último, sobrevivendo apenas no imaginário dos imigrantes, já que o sonhado retorno à terra natal quase nunca é possível, pois é como estar em dois lugares ao mesmo tempo, e não estar em nenhum. É viver como presente e sonhar como ausente. *“Haviam chegado todos no mesmo navio, deixando para trás as brancas paisagens de Aomori, na esperança de que aqui encontrariam o Eldorado (p.62). (...) Se ao menos os filhos entendessem que somos velhos, que gostaríamos de ver o Japão, nem que seja no cinema...” (p.61).*

A narrativa se enreda com o retorno de Kimiko para São Paulo, acompanhada do casal de filhos, lamentando a morte prematura de Carlinhos, cheia de mágoa e tristeza, e pela ausência do marido (Yukio), imaginando como poderia superar as dificuldades que já era capaz de sentir e vislumbrar. Diz ela,

Mayume perguntou sobre a minha família e quando expliquei que trabalhava para o meu sustento e o de meus filhos, mostrou-se verdadeiramente surpreendida. Eu nunca gostei de falar abertamente sobre minha vida com quem quer que seja, mas, não sei a razão, quis me abrir e acabei confessando que precisava arrumar um bico para complementar o salário de cabeleireira. (...) Ela me ouviu e permaneceu pensativa... e, logo em seguida, veio a mim com a proposta: a senhora não quer trabalhar em minha casa? (p.132). Mesmo nos tempos difíceis, quando precisei fazer alguma coisa para ajudar no orçamento, nunca pensara em trabalhar na casa dos outros. Jamais em minha vida havia pensado em ser empregada doméstica. Tudo, menos isso! (p.133). Mesmo nos tempos difíceis, quando precisei fazer alguma coisa para ajudar no orçamento, nunca pensara em trabalhar na casa dos outros. Mas agora seria um pouco diferente, porque a patroa era uma pessoa amável, simpática e o principal: japonesa como eu (p.134). Mesmo com dois empregos, a vida não está nada fácil (p.155).

Foi residir na casa da irmã onde também morava seu pai. Suas acomodações foram resolvidas com a adaptação de um cômodo no quintal, e que até então servira de despejo. O reencontro com a cidade, com o bairro da Liberdade e suas ruas estreitas e sinuosas, revelou os novos ares de atração turística, com suas lojas, hotéis e restaurantes de fachadas modernas e atraentes.

Bem debaixo do gigantesco pórtico vermelho, que dá as boas vindas aos visitantes, parei, olhei para trás e duvidei que tudo aquilo estivesse me recebendo de braços abertos. Minha esperança era chegar ao quarteirão seguinte e encontrar tudo intacto, do jeito que havia ficado na minha memória, exatamente vinte anos atrás. (...) Mais alguns segundos e eu estaria realizando um sonho, o principal motivo de minha incursão pela Liberdade, depois de tantos anos: rever a casa cor-de-rosa, com o portão de ferro, a varanda, o refúgio onde passei os melhores anos de minha vida. (...) Se alguém dissesse que eu estava em uma rua de outra cidade qualquer, eu acreditaria, porque nada daquilo me dizia respeito, não havia nada ali que pudesse resgatar o meu passado, não restara nenhuma testemunha da minha antiga felicidade. E pensar que voltara por um bom motivo (p.56-7). Apertei o passo, atravessei avenida e fui dar em uma ruazinha estreita que me levou diretamente à pracinha do cinema. Quantas saudades da época em que íamos todos os domingos, a turma do pensionato mais algumas amigas (p.58). Lembranças? Essas, ficam apenas na memória. Inútil tentar revivê-las, procurando

vestígios exteriores. Feliz daquele que consegue armazenar todas as imagens, sons e sensações que um dia lhe deram prazer e algum tipo de felicidade. Mudou a Liberdade ou mudei eu? Tudo dizia que seria um difícil recomeço (p.61-2).

Passou a enfrentar inúmeros problemas com a educação da filha, sobre a qual não conseguia exercer autoridade alguma. Érica passara a residir com outra tia, que lhe custeava as despesas com os estudos e com as roupas condizentes com a moda. *"Nem quando vou lhe dar boa noite. Nem quando lhe sirvo seu doce preferido, consigo ver alegria em seu rostinho, um sinal de gratidão, um sorriso de bem-querer! (p.51). Afinal, preciso de muito dinheiro para comprar uma casa e possuir todas as coisas que Teresa tem e que atraíram Érica para lá. (...)Quero também que um dia Alex possa chegar à Universidade. Se deus quiser, terei um dia a minha casa e, quem sabe, até abrir meu próprio negócio. Claro que ainda me dou o direito de sonhar! (p. 139) (...) A cada dia que passa, de uma coisa eu tenho certeza: preciso ter a Érica de volta, ao meu lado, antes que aconteça alguma desgraça! (p.146).Naquele momento, duas eram as minhas obsessões: trazer Érica de volta para perto de mim e morarmos todos juntos, numa casa só nossa. Para isso, eu tinha que trabalhar muito e economizar todo o dinheiro possível (p.150).*Eram longos os meses sem que mãe e filha se vissem, e nas ocasiões de reencontros, sempre rápidos, a filha mal lhe dirigia a palavra. *"Foi o que aconteceu entre mim e minha filha: eu me distraí e não lhe dei atenção suficiente, na ilusão de que bastava ser a minha menininha para ela permanecer obediente e terna ao meu lado" (p.154).* Aliás, a última visita da filha foi marcada pelo susto da revelação dos resultados de uma cirurgia plástica para ocidentalizar os olhos amendoados. *"Ainda não refeita da surpresa, dei uns passos para trás para ver melhor: não, essa não era Érica! É estranho, seu rosto não é bem assim! (p.144). Mas logo depois que conheceu o atual namorado, ela veio dizendo que queria ter nascido brasileira, com olhos grandes e bonitos" (p.147).*Nos momentos das maiores dificuldades, suas memórias reincidiam na figura do marido e em tom de lamento dizia: *"Yukio, você me deixou com uma carga muito pesada. Por que não foi mais forte? Por que não continuou junto de nós? Estranho achar isso agora, nesta altura da vida, quando sei que passei praticamente todos estes anos sozinha, apesar de ter marido e filhos!" (p.136).*Contudo, a narrativa não adquire a forma de catarse. *"Seria tranquilizante olhar para o lado e me certificar que não estava só. Caminhando com papai, segurando-lhe levemente o braço, é que fui me dar conta de quanto tempo já se passara... E eu, bem, passei um bom tempo mentalizando os números que poderiam sair no próximo jogo da lotó" (p.136-7).*No fim de 1987 decidiu-se que não passaria ao largo de um novo ano sem imprimir um novo rumo a sua vida e a dos seus filhos. Mesmo com dois empregos, não conseguia assegurar as despesas da casa. Impelida por um forte senso de retomada da vida, renovou sua aparência e confessou: *"percebo que estou começando a me situar nesta fase de minha vida, estou tentando encontrar meu caminho. Também estou, aos poucos, conseguindo me libertar dos fantasmas do passado. É isso que mais*

quero!” (p.159-60). E a memória comparece fornecendo elementos capazes de compor novas práticas, referenciadas a formas de vida menos dolorosas vivenciadas no passado, como uma translúcida operação de mimesis: nem verdade, nem ficção, mas aparência próxima da realidade e simulação mínima da ficção.

A título de epílogo. Kimiko, uma simples dona de casa, chegando à casa dos 50 anos, dois filhos dependentes, em 1988, decide mudar radicalmente sua vida e passa a fazer considerações acerca da ausência de cada um. Através de uma carta, sua filha Érica revela sua admiração e orgulho diante da atitude da mãe que embarca em um avião com o propósito de uma longa viagem, que deveria durar mais de 24 horas. Em uma partida histórica, uma primeira turma exclusivamente de mulheres embarca para o Japão, das quais muitas são alimentadas pelo mesmo sonho: ganhar dinheiro suficiente com o trabalho para comprar a casa própria e garantir a educação dos filhos. *Só Deus sabe o quanto sofri para tomar essa decisão. Eu lutei bravamente e, hoje, estou de pé, pronta para mais uma etapa – quem sabe, a mais importante de toda minha vida. (...) Mas o que importa agora é que eu continuo viva e vou lutar por nós dois, para a felicidade de nossos queridos filhos. Deseje-me boa sorte, querido. O caminho é longo, eu sei* (p.192-4). Notamos, ao lado disso, a presença de uma escrita destinada a preservar um tom quase confessional. Trata-se, enfim, de uma relação da própria literatura com aspectos íntimos da vida. Ao deparar-se pronta para uma nova etapa da vida, em tom saudoso, com extremada ternura e quase censura ao marido, acrescenta:

Yukio, você está vendo como eu consegui ser mais forte do que você? Eu sobrevivi, superei a perda de nosso filho. Sei que você adorava nosso filho, eu também amava-o tanto quanto você! Mas fiquei firme, não me deixei abater, não desanimei, porque outras pessoas ansiavam por nosso amor. (...) Por que foi tão egoísta? Por que não dividiu conosco a sua dor? Por que partiu tão de repente, de forma tão triste, tão deprimente? Você não tinha o direito de tirar sua própria vida, deixando-nos sós no mundo, abandonados, desamparados, sem rumo! Para você deve ter sido mais fácil assim. Cada qual escolhe o seu melhor caminho. (...) Todo esse tempo - dois anos - tentei apagar da memória o dia em que você se foi, levando um pouco de cada um de nós. Obrigada pelos momentos de carinho, pelas fraldas lavadas, pelo trabalho em colocar azulejos novos na velha pia, pela paciência ao lidar com papai, pelos crisântemos amarelos no dia em que Alex nasceu. (...) Obrigada pelo olhar encantador quando foi me procurar no pensionato e se anunciou: “Eu não disse que vinha?” Onde você estiver, espero que tenha encontrado a paz que não logrou aqui entre nós (p.194-5).

Ao recorrer a uma imagem que pudesse encerrar este texto, cujo foco centrou-se na ideia de mulheres nipo-brasileiras, transmutadas genericamente na literatura em resignadas e submissas, mas que se apresentam como modernas guardiãs de tesouros de seu tempo, ocorreu-me a proposição de Bachelard de que *todo germe de ser é germe de sonhos*. Estendendo essa reflexão à memória social, percebemos que a cristalização das imagens do passado legitima uma ordem social presente, o que leva a pressupor a existência de uma memória partilhada entre os participantes de qualquer ordem social. Esta observação se insinua bastante útil para a compreensão dos mecanismos de reprodução das diversidades no interior de uma sociedade marcada por heterogeneidades. A narrativa de Kimiko nos fornece a visão da mulher sobre sua vida e a de sua família no processo nada fácil de adaptação à realidade da imigração e

ao mundo reservado aos nipo-brasileiros. Sua geografia é o universo doméstico, embora este se apresente contextualizado em fatos históricos e características culturais dos dois macrohorizontes nos quais os personagens transitam: Brasil e Japão. Este último, sobrevivendo apenas no imaginário dos imigrantes, já que o sonhado retorno à terra natal quase nunca é possível, pois é como estar em dois lugares ao mesmo tempo, e não estar em nenhum (Stadniky, 2005). É viver como presente e sonhar como ausente. E a memória comparece fornecendo elementos capazes de compor novas práticas, referenciadas a formas de vida menos dolorosas vivenciadas no passado. Notamos a presença de uma escrita destinada a preservar um tom quase confessional. Trata-se, enfim, de uma relação da própria literatura com aspectos íntimos da vida. A viagem física e interior se dá como experiência necessária, inevitável e sempre fundamental. Percebemos que a cristalização das imagens do passado legitima uma ordem social presente, o que leva a pressupor a existência de uma memória partilhada entre os participantes de qualquer ordem social. Poderíamos concluir que não só a autobiografia, mas o próprio romance autobiográfico evidencia uma medida rígida e impraticável da escrita: a constituição irresoluta do *eu*-narrador não lhe consente conclusões ultimativas de si mesmo. Talvez nossa compulsiva atuação coletiva no espaço social nos exteriorize cada vez mais em relação a nós mesmos, na criação de um mundo em oposição à possibilidade de um importante sonho, e seu espaço, que desaprendemos cada vez mais a sonhar.

Referências:

- BHABHA, K. Homi. O local da cultura. Tradução de Myriam Ávila et.al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001
- BURKE, Peter. Hibridismo cultural. Tradução de Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003..
- COLLONA, Vincent. *Autofiction et autres mythomanies littéraires*. Paris: Tristram, 2004.
- FANTINI, Marli. *Águas turvas, identidades quebradas: hibridismo, heterogeneidade, mestiçagem & outras misturas*. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin.(Org.) Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004, p.159-180.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Org. SOVIK, Liiv (Org.). Tradução de Adelaine da Guardia Resende et al. Belo Horizonte:Ed. UFMG: Brasília:Representação da UNESCO no Brasil, 2003..
- HASEGAWA, Laura Honda. *Sonhos bloqueados*. São Paulo: Estação Liberdade, 1991.
- KRISTEVA, Julia. Estrangeiros para nós mesmos. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3. Vértice, 1989, p. 3-15.
- RANUM, Orest. *Os refúgios da intimidade*. In: CHARTIER, Roger. História da vida privada, v.3: da Renascença ao século das luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.211-66.
- STADNIKY, Hilda Pivaró. *Sob a égide da intimidade: a textualização do tempo vivido*. In:Peraro, M. A.; Borges, F. T. de Miranda. Mulheres e famílias no Brasil. Cuiabá: CarliniCaniato Editorial,2005, p. 339-364.
- ZAGURY, E. A escrita do eu. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.